

“É um problema de visão para perto,
inevitável após os 40 anos de idade, *onde*
o indivíduo tem dificuldade para ver
imagens próximas”. *Onde* em remitências
anafóricas a categorias não-locativas

Maria Luiza Braga*

Keylla Manfilli**

Diego Leite de Oliveira***

Resumo – Neste artigo, focalizamos o uso da palavra *onde* em referência anafórica a entidades não-locativas. O emprego de *onde* é contraposto ao das construções formadas por *(prep) + (art) + QU* pronome relativo, com as quais pode alternar, em amostras de fala e de escrita e analisado segundo a categoria cognitiva que pode ser retomada por *onde* bem como a função argumental ou adjunta da oração encabeçada por uma das variantes. Mostramos que as diferenças entre fala e escrita, no que concerne à utilização de *onde*, são de natureza quantitativa. A seguir, discutimos a hipótese de acordo com a qual a remissão a categorias não-locativas por meio de *onde* seria uma instância de gramaticalização. Baseando-nos em descrições diacrônicas e resultados de pesquisas sociolinguísticas, concluímos que o mencionado emprego já podia ser observado nos registros históricos mais antigos do português e que, atualmente, constitui uma instância de variação estável.

Palavras-chave – Onde. Referência anafórica. Fala e escrita. Categorias cognitivas. Função argumental e função adjunta. Gramaticalização.

* Professor Titular da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Brasil. Pesquisadora do CNPq. E-mail: malubraga@terra.com.br

** Doutoranda em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Brasil. E-mail: manfilli@terra.com.br.

*** Mestre em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Brasil. E-mail: diegoleitede@gmail.com.

1. Introdução

Nas duas últimas décadas, os usos da palavra *onde* em remissão anafórica a entidades não locativas têm sido analisados por lingüistas de orientação teórica variada, como, entre outros, PORTELLA (2003), a partir de uma perspectiva sócio-funcionalista, MANFILI (2003), segundo o viés cognitivista, MATTOS E SILVA (1989) e BOMFIM (1993), de acordo com um enfoque diacrônico e por autores de gramáticas do português. Dentre os últimos, alguns adotam uma postura mais prescritivista, recomendando que tais empregos sejam evitados ou substituídos por *Preps + palavra QU* que expressem o mesmo significado. A título de exemplo, consideremos os trechos seguintes, extraídos de CIPRO NETO; ULISSES (1997) e CEREJA; MAGALHÃES (1999), respectivamente:

Há uma forte tendência, na língua portuguesa atual, em usar ONDE como relativo universal, um verdadeiro cola-tudo. Esse uso curiosamente tende a ocorrer quando um falante de desempenho lingüístico pouco eficiente procura “falar difícil”. Surgem então frases como:

Vai ser um jogo muito difícil, muito disputado, ONDE nós vamos tentar conseguir mais um resultado positivo. Vivemos uma época muito difícil, ONDE a violência gratuita é dominante, etc.

Na língua culta, escrita ou falada, ONDE deve ser limitado aos casos em que há indicações de lugar físico, espacial. Quando não houver essa indicação, deve-se preferir em que, no qual (e suas flexões, na qual, nos quais, nas quais) e, nos casos de idéia de causa/efeito ou de conclusão, portanto. (CIPRO NETO; ULISSES, 1997, p. 436)

No padrão culto da língua, o pronome relativo ONDE deve ser empregado apenas quando substitui antecedentes que indiquem espaço físico. Por essa razão, construções comuns na linguagem coloquial e popular, como “uma situação ONDE as pessoas não sabiam o que fazer”, “um problema ONDE a solução é” no padrão culto devem ser substituídas por “uma situação em que as pessoas não sabiam o que fazer” e “um

problema cuja solução é”, respectivamente. (CEREJA; MAGALHÃES, 1999, p. 143)

A análise de dados empíricos produzidos em situações de comunicação oral e escrita revela, no entanto, que o uso de *onde* em remitências anafóricas a categorias não locativas, tais como tempo, estado, situação, é explicável por fatores lingüísticos e extra lingüísticos variados. Mostra, também, que a alternância entre a palavra *Onde* e (*prep*) + (*art*) + *palavra QU* com o mesmo significado, à semelhança de outros fenômenos variáveis, é organizada e que as diferenças entre as modalidades falada e escrita, no que tange ao fenômeno em pauta, são basicamente de natureza quantitativa.

Neste trabalho, voltamo-nos para a investigação da palavra *onde* em remitências anafóricas, valendo-nos dos princípios da sociolingüística quantitativa. O artigo compõe-se de cinco partes: na primeira, caracterizamos nosso objeto de investigação; na segunda, examinamos o efeito das variáveis *categoria cognitiva* e o *papel sintático da oração iniciada por uma das variantes*, contrapondo os resultados obtidos para a fala e a escrita; na terceira, discutimos os usos conjuncionais de *onde*; as considerações finais e as referências bibliográficas são apresentadas a seguir, na quarta e quinta seções, respectivamente.

2. O fenômeno em análise

A abordagem gramatical tradicional inclui a palavra *onde* na classe dos pronomes interrogativos locativos e dos pronomes relativos. Enquanto pronome relativo, *onde* encabeça uma oração subordinada e remete anaforicamente ao referente de um constituinte da oração matriz. Autores como ALMEIDA (1997), CIPRO NETO; ULISSES (1997), ROCHA LIMA (1999) optam pelo rótulo *advérbio relativo*, em vez de *pronome relativo*. A grande maioria dos estudiosos explicita que o antecedente de *onde* é uma palavra que designa lugar. Esporadicamente, alguns mencionam que o antecedente de *onde* pode não estar explicitado; nessas circunstâncias, a palavra *onde* é classificada como *pronome indefinido*.

Neste capítulo, investigamos a palavra *onde* em seu funcionamento como um item anafórico que retoma o referente de um constituinte mencionado na oração matriz¹ anterior, cotejando-o ao das palavras QU, vari-

avelmente precedidas por preposição e artigo: (*prep*) + (*art*) + *palavra QU*_{pronome relativo}. Em outras palavras, recortamos nosso objeto de análise, no espírito da Sociolinguística Variacionista, como uma variável binária com duas variantes. A alternância que nos interessa é ilustrada em (1), trecho extraído de transcrições de amostras de fala, no qual a construção *do lugar* é retomada posteriormente por *onde* e *da outra casa* por \emptyset *que*, e em (2), coletado em artigo de jornal carioca, no qual *naquela localidade* é referido, a seguir, por *onde* e *no mesmo local*, por *prep* + *QUE*.

- (1) Gosto daqui, gosto *do lugar* **onde** eu morei, gosto *da outra casa* \emptyset **que** morei (AMOSTRA 80, fal. 39, mulher).
- (2) [...] que dão José Joaquim Marques de Abreu como residente naquela *localidade*, **onde** se dedicava ao tráfico e à venda de escravos, desembarcados por ele *no mesmo local* **em que** está hoje o Iate Clube de Rio das Ostras, ao pé do Morro do Limão, morro este que, não por acaso, era dele (O GLOBO, 15/10/2005).

Em consonância com os pressupostos da teoria da variação, procedemos à identificação dos contextos categóricos, vale dizer, daqueles ambientes que admitem apenas uma das variantes - ou **onde** ou (*prep*) + (*art*) + *palavra QU* - e verificamos que as restrições à alternância decorrem da imbricação de propriedades semântico-sintáticas das orações matriz e subordinada.

A retomada anafórica, na oração encaixada, de nomes próprios de lugar, mencionados na oração matriz, se faz apenas por meio de *onde*, como pode ser observado em (3):

- (3) A notícia foi dada pela governadora Rosinha Garotinho, em Campos, **onde** foi passar Natal (O Povo, 29/12/03).

Uma outra restrição concerne ao tipo de complemento subcategorizado pelo predicador verbal da oração subordinada. Os complementos oblíquos de verbos que implicam responsabilidade (*arcar com*, a título de exemplo), de sentimento (*gostar de*, entre outros), de atividade mental (*pensar em*, etc), *dicendi* (*falar sobre/de*), parecem bloquear a seleção da variante *onde*, como ilustra o trecho seguinte:

- (4a) E: E depois assim do Flamengo, qual é um bom time?

F: Sinceramente, eu não gosto de nenhum. **O único mesmo que** eu gosto mesmo é o Flamengo (Amostra 80, fal. 04, mulher).

O exemplo acima é interessante porque Flamengo é também o nome de um bairro do Rio de Janeiro, vale dizer, a palavra Flamengo pode designar uma entidade locativa. Todavia, como mostra (4b), construído a partir de (4a), a retomada anafórica continua se fazendo por meio da palavra *QU*: (4b) E: E depois assim do Flamengo, qual é um bom bairro?

F: Sinceramente, eu não gosto de nenhum. *O único bairro que* eu gosto mesmo é o Flamengo.

A substituição de *Que* por *onde* produziria uma oração estranha, conforme pode ser verificado em (4c):

(4c) E: E depois assim do Flamengo, qual é um bom bairro?

F: Sinceramente, eu não gosto de nenhum. *O único bairro onde* eu gosto mesmo é o Flamengo.

Um outro ambiente categórico inclui as menções a entidades temporais posteriormente retomadas por uma forma pronominal relativa. Um rastreamento preliminar de dados, em amostras controladas e não-controladas, forneceu um conjunto de ambientes díspares, que ora facultavam ora impediam a alternância entre as variantes em estudo, em aparente contradição aos pressupostos de que a variação lingüística é estruturada. A variação potencial a que nos referimos é ilustrada pelos pares apresentados em (5a / b) e (6a / b) e os contextos categóricos em (7a/b) e (8a/b).

(5a) Assim iniciei *o momento denominado de tempestade mental*, **onde** estabeleço os objetivos e a metodologia a serem desenvolvidos (dissertação de mestrado).

(5b) Assim iniciei *o momento denominado de tempestade mental*, **em que** estabeleço os objetivos e a metodologia a serem desenvolvidos.

(6a) Por sorte, esse é um daqueles casos em que a pena é mais poderosa que a espada. E nada como se inspirar nos que começaram esse ferrenho combate para prosseguir na batalha. Voltemos, portanto, *ao longínquo século 16, época em que* a última palavra em astronomia era o trabalho de Cláudio Ptolomeu, sábio que viveu e morreu no segundo século depois de Cristo. Sim, o homem ficou na moda por pelo menos uns 1.400 anos (FOLHA DE SÃO PAULO, 22/09/05).

(6b) Por sorte, esse é um daqueles casos em que a pena é mais poderosa que a espada. E nada como se inspirar nos que começaram esse ferrenho combate para prosseguir na batalha. Voltemos, portanto, *ao lon-*

gínquo século 16, época onde a última palavra em astronomia era o trabalho de Cláudio Ptolomeu, sábio que viveu e morreu do segundo século depois de Cristo. Sim, o homem ficou na moda por pelo menos uns 1.400 anos.

(7a) Será que seu signo só se fixa *na hora em que* deixa a máquina? (Folha de São Paulo, 11/08/05).

(7b) Será que seu signo só se fixa *na hora onde* deixa a máquina?

(8a) Peguei, corri para o veterinário, esta lá internada até agora. Não sei! Eu ia lá *na hora que* vocês chegaram (Amostra 80, fal. 42, homem).

(8b) ? Peguei, corri para o veterinário, esta lá internada até agora. Não sei! Eu ia lá *na hora onde* você chegaram.

Uma análise mais detalhada, que leva em consideração as propriedades das construções, sugere que a remitência anafórica a entidades temporais é sensível ao grau de referencialidade do substantivo que designa *tempo*. Em exemplos semelhantes a (7) e (8) o nome de tempo integra a construção (*prep1*) + *det* + *N temporal* + (*prep2*) *que* que está se gramaticalizando em locução conjuntiva de tempo, parafraseável por *quando*, conforme mostra Pereira (2005). Nesse contexto particular, o nome temporal não recebe as flexões típicas de sua classe, despoja-se do caráter referencial ao mesmo tempo em que a palavra **que** deixa de funcionar como um pronome relativo. Assim, a questão da variação que nos interessa não se coloca, visto que a palavra *que* já não é um pronome relativo.

Vale lembrar, todavia, que a questão é delicada, uma vez que nem todas as construções com a estrutura (*prep1*) + *det* + *N temporal* + (*prep2*) *que* estão experimentando o processo de gramaticalização. Em outras palavras, uma mesma estrutura está abrigando expoentes que exibem diferentes graus de gramaticalidade, fato referido pelo princípio da persistência (Hopper: 2003). Assim, a presença de um nome temporal na estrutura (*prep1*) + *det* + *N temporal* + (*prep2*) *que* não implica a eliminação automática do dado da análise quantitativa. O dado será rejeitado apenas se o *token* em que ocorre constituir uma instância gramaticalizada da construção (*prep1*) + *det* + *N temporal* + (*prep2*) *que*.

As restrições a que nos referimos são sistêmicas, operando independentemente da modalidade. Situação diferente se verifica, porém, em relação aos dados variáveis que passaremos a considerar na outra seção.

3. Fala, escrita e remissão anafórica por meio de *onde* e *Spreps*

Com vistas a explicar a variação entre *onde/ (prep) + (art) + palavra QU*, analisamos as transcrições de 20 entrevistas da Amostra-80, totalizando 229.581 palavras e 166 textos jornalísticos, extraídos de jornais de grande circulação no eixo Rio-São Paulo, contabilizando 155.220 palavras.

O cotejo entre as amostras de fala e escrita revela flagrantes diferenças quantitativas entre as duas modalidades no que diz respeito à opção por uma das variantes: na escrita, as ocorrências de *onde* representam 65,00% dos dados (81/123), percentual que decresce para 8,00% (11/131), na fala.

No que diz respeito às categorias cognitivas que podem ser retomadas anaforicamente por *onde*, fala e escrita tendem a convergir quanto aos seguintes aspectos:

- i- predominância de referências a entidades locativas, sejam regiões geográficas, países, sejam logradouros;
- ii- possibilidade de conceptualizar agremiações (cf. 4), estados/situações (cf. (11), a seguir), regimes políticos (cf. (12), a seguir) e objetos como um tipo de espaço².

Em nossos *corpora* não encontramos ocorrências de *onde* em remissão à categoria locativa *tempo*; vale observar, no entanto, que em outros gêneros textuais, particularmente nos acadêmicos, as retomadas de *tempo* por *onde* são relativamente usuais, como ilustram os trechos seguintes:

- (9) Surdez central. É mais comum na velhice (**onde** é considerada natural) ou após traumas acústicos (FOLHA DE SÃO PAULO, 28/12/1998).
- (10) Assim iniciei o momento denominado de tempestade mental, **onde** estabeleço os objetivos e a metodologia a serem desenvolvidos (DISSERTAÇÃO DE MESTRADO).

A Figura 1 apresenta os resultados estatísticos para a distribuição de *onde* segundo dois grupos de fatores: *modalidade* e *categoria cognitiva*.

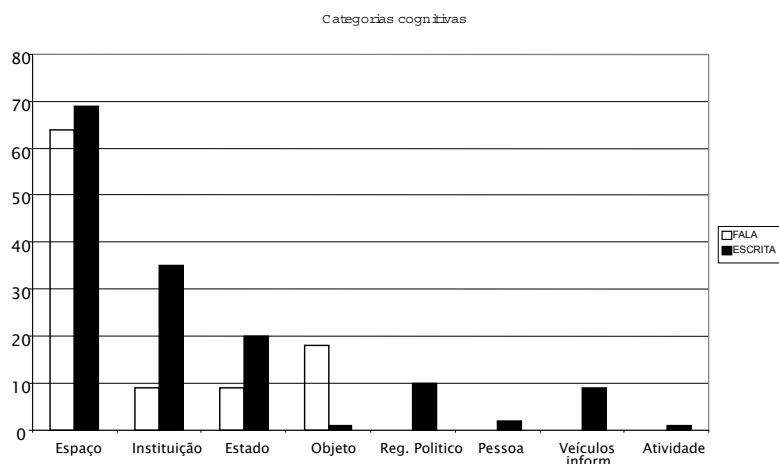


Figura 1 - Distribuição de usos de *onde* segundo modalidade e categoria cognitiva

As divergências - na amostra escrita, escassas remitências a objetos e, na amostra de fala, nenhuma referência a tempo, regimes políticos, pessoas, veículos de informação ou atividade, por intermédio de *onde* - decorrem, possivelmente, da maior variedade de gêneros e tipos textuais bem como da grande diversidade de tópicos abordados nos jornais, em contraste com a formatação das entrevistas por nós analisadas. Com efeito, estas foram realizadas com vistas a obter amostras de fala, na medida do possível, não monitoradas, casuais, que refletissem o vernáculo de falantes cariocas com baixa escolaridade e versavam sobre tópicos com os quais os falantes se sentissem confortáveis, usualmente, aspectos do seu cotidiano.

Resguardadas as diferenças entre as modalidades, o que a figura acima ressalta é a comprovação da hipótese localista (ANDERSON, 1971; LYONS, 1975, a título de exemplo), segundo a qual as formas lingüísticas associadas à categoria *espaço* podem ser empregadas como *template* para a expressão de categorias mais abstratas. Outras evidências favoráveis a essa hipótese localista são fornecidas pelo tipo de predicado da oração encaixada, questão a ser considerada a seguir, e pela distribuição das pro-formas locativas - *aqui, ali, lá e aí* - à qual retornaremos na próxima seção.

O exame dos dados empíricos revela que *onde* em referência às categorias mais abstratas tende a co-ocorrer com verbos que demandam referência a lugares físicos, quer na forma de complementos, quer na de adjunto, como é o caso dos exemplos seguintes:

- (11) Então fui para Recife e lá eu tinha que ajudar o marido, tive empregada, lá empregada era muito barata, mas a preocupação **onde** eu quero chegar: quando a gente é moça, você tem que pensar em juntar o seu dinheiro, em fazer o seu pé de meia, então nós não – não sobra tempo para uma mãe assim, que está preocupada com um marido que não tinha dinheiro de pai, nem de mãe (Amostra 80, fal. 48, mulher).
- (12) Difícil explicar essa atração dos intelectuais pela causa totalitária. Mas acredito que existe em todo intelectual a nostalgia platônica de encontrar ordem na desordem. A velha ambição de uma República ideal, **onde** podemos finalmente descansar nossas mentes saturadas. Não resulta. Nunca resultou. Platão partiu para ensinar o tirano de Siracusa. Foi o desastre (Folha de São Paulo, 21/02/05).

A função sintática de *onde* representa um outro ponto de congruência entre fala e escrita, como mostra a proximidade percentual para as duas posições mencionadas acima: *adjunto* (fala: 54,5% vs. escrita: 48,0%) e *complemento* (fala: 45,5% vs. escrita: 52,0%). A divergência concerne à outra variante, empregada majoritariamente na função de *adjunto*, na fala, e na de *complemento*, na escrita.

Tabela 1 – Função sintática das variantes segundo as modalidades

Modalidade	Fala		Escrita	
	Onde (%)	SPrep (%)	Onde (%)	SPrep (%)
Adjunto	6/11 54,5	95/120 79,0	39/81 48,0	13/42 31,0
Complemento	5/11 45,5	25/120 21,0	42/81 52,0	29/42 69,0

A discrepância mais perceptível, no entanto, entre as modalidades falada e escrita, a nosso ver, no que tange ao uso de (*prep*) + (*art*) + *palavra QU* em alternância com *onde* diz respeito, sobremaneira, à realização fonética das preposições, presentes na escrita e ausentes na fala, quase categoricamente, como ilustram os trechos a seguir (cf. Gomes neste volume).

- (13) Então, o cara bolou umas estrelas, [...] e ela está fazendo para depois prender na saia do cara com alfinete de fralda, sem estragar a saia. Depois ele pega essa mesma saia e usa numa outra escola de samba Ø **que** ele vai sair (AMOSTRA 80, fal. 26, homem).
- (14) Lula pode ser isso, o nosso dom Pedro plebeu? No estado de confusão e dependência econômica **em que** receberia o país, provavelmente não. Mas sua eleição seria histórica e simbólica assim mesmo (O GLOBO, 05/10/02).

Como antecipamos, além do pronome relativo *onde*, as pro-formas locativas – *aqui, aí, ali, lá* – também podem remeter a categorias não locativas. BRAGA; PAIVA (2003) mostram que, no português do Brasil, há uma correlação, relativamente sistemática, entre tipo de pro-forma, por um lado, e categoria cognitiva e tipo de remitência fórica, por outro. Embora todas possam ser empregadas como artifícios anafóricos e catafóricos, uma delas – *aí* – parece estar se especializando na recuperação anafórica de informação textual, como mostraremos na outra seção. Os achados a respeito das funções e valores das pro-formas harmonizam-se com aqueles a propósito de *onde*, mostrando que esses usos mais abstratos podem ser explicados pela hipótese localista, referida anteriormente.

4. *Onde* em referência anafórica a porções textuais: Um caso de gramaticalização?

Alguns estudiosos do item *onde* enquanto estratégia de recuperação anafórica de entidades não-espaciais defendem que a mesma constitui uma inovação no português hodierno (CIPRO NETO; INFANTE, 1997, a título de exemplo), um possível exemplo de gramaticalização. Documentos arcaicos desvelam, no entanto, uma outra realidade, conforme se pode verificar em MATTOS E SILVA (1989) e BOMFIM (1993).

A primeira, ao investigar os dois elementos que integravam o sistema do português trecentista – *hu* e *onde* – sustenta que *onde*, a forma marcada, designava *o ponto a partir de que*, quer espacial, quer nocional, quer temporal, quer possessivo, quer contextual. De acordo com ela, tanto *hu* quanto *onde*, embora basicamente locativos, podiam funcionar como temporais. Os exemplos seguintes, coletados de sua obra, ilustram suas descobertas:

(15a) Veo a hua enfermidade **onde** xi lhi atou morte (1989, p. 245-47).

(15b) Fiiz... que foi noutro dia preposto naquel moesteiro **onde** o fora Libertino, contou a mim (= Libertino foi abade do moesteiro) (1989, p. 245-47).

Também BOMFIM (1993), ao examinar a variação e mudança no português arcaico, no que tange ao emprego de *hu* e *onde*, menciona os valores temporal e discursivo que podem ser instanciados por *onde* e que são ilustrados a seguir:

(16a) [...] convem que digamos doutras cousas pertencentes a nosso fallamento, segundo aquello que prometido teemos no rreinado del-rei dom Pedro, **onde** dissemos que fallariamos dos iffantes dom Joham e dom Denis (cf. cap. XCVIII, p. 37, apud BOMFIM, 1993, p. 115).

(16b) De pois que el foi em terra, achou os corações tam duros e tam envoltos nos pecados nmortaaes, que tam maaus lhe eram de tornar a si, quam maaus seria a uu homem molentar ua pedra mui grande. **Onde** diss el pla boca do seu profeta Davi (*A Demanda do Santo Graal*, c. 224, p. 335, apud BOMFIM, 1993, p. 100).

Em nossas amostras de fala, não encontramos ocorrências de *onde* com valor conjuncional; já nas amostras não-controladas de escrita identificamos contextos similares àqueles referidos por Bomfim e Mattos e Silva, como ilustra o trecho seguinte:

(17) A oposição dizia exatamente o contrário. Indignado, o PT defendia a ética com o mesmo ardor com que a oposição empunha hoje a bandeira da moralização, **donde** se conclui que o neo-udenismo dispensa ideologia: troca de camisa como troca de mão o dinheiro público (O GLOBO, 26/12/2005).

Onde em (17) sintetiza a informação expressa pelas orações anteriores criando as condições para a enunciação da conclusão da seqüência argumentativa que está sendo construída: no caso, a de que o neo-udenismo é inconsistente, incoerente, não confiável. Neste contexto, *onde* serve à vinculação de dois enunciados, dispensando a relação de co-referencialidade com um constituinte particular que tinha sido previamente mencionado. Instancia um novo valor, o de elo conjuncional, vale dizer, um novo estatuto categorial. Daí (donde) poder-se falar em grama-

ticalização. Cumpre ressaltar, no entanto, que tal processo já era efetivo no português trecentista, não constituindo uma inovação recente.

No português do Brasil, as retomadas de porções textuais maiores tendem, atualmente, a serem feitas por intermédio de uma série variada de itens - *então, agora, assim, aí*, entre outros - referidos como marcadores ou operadores discursivos quando empregados nesse ambiente e com essa função. Como nosso foco de atenção são as expressões de lugar vamos nos restringir a *aí*.

Como mostramos em outra ocasião (Braga 2003), *aí* está se gramaticalizando em elemento introdutor de orações e de porções textuais maiores. No último ambiente, entre outros papéis, pode funcionar, à semelhança de *onde* com valor conjuncional, conforme ilustram os trechos seguintes:

(18) F: O horário que a gente fica em casa, vai vê televisão, vai escutar o rádio, vai escutar o repórter, uma coisa... e num dá tempo de... A pessoas pra fazer muitos amigo tem que se praticar um esporte, uma coisa. *Aí*, sim. *Aí* é outra coisa. Eu, quando eu era jovem, tinha mais amigos assim, conhecidos, mas nunca fui muito de... de ajuntar muitos amigos não, porque amigos, as vezes, a gente tem que seguir a idéia deles e eu gosto sempre de seguir a minha. **(D)***aí* eu num gosto de muitos amigo (AMOSTRA 00 (C), falante 25, homem).

(19) I: Interessante, né? Era um bom trabalho?

F: Eu gostava. Inclusive eu tenho amor a tudo aquilo que eu faço. Você sabe? Porque até hoje tudo que eu fiz é com amor.

E: Hum.

F: Por exemplo, quando eu era enfermeira, na casa de saúde, era uma casa de saúde de sonoterapia... Então quem era chefe, enfermeira chefe era minha sobrinha.

E: Hum;

F: Mas o médico dizia, quando chegava uma cliente, que ia lá para o consultório, me chamava e dizia que eu era enfermeira chefe, não era enfermeira, era uma amiga e no sei o quê, não sei que lá. Conclusão: o doente ia dormir pensando em mim. *Aí* eu num tinha sossego (AMOSTRA-00 (C), falante 18, mulher).

Nos trechos acima, *aí* funciona à semelhança de *onde* nos exemplos (18) e (19), vale dizer, como um recurso que recapitula a seqüência prévia antes da introdução de uma nova proposição ou ato de fala que apresenta a inferência almejada pelo locutor. Os mesmos trechos ilustram o papel da modalidade na escolha das variantes que o sistema coloca à disposição dos falantes: predomínio de *aí* na fala e de *onde* na escrita.

Uma última palavra diz respeito ao estatuto dos chamados “usos abstratos” de *onde*, possíveis expansões de um valor mais básico que teriam facultado a gramaticalização em questionamento. Esses empregos, no entanto, à semelhança do uso conjuncional, já eram produtivos no português trecentista, não se justificando, portanto, a hipótese que os concebe como fruto de um processo de mudança iniciado recentemente.

Uma confirmação independente a favor da hipótese de que os usos mais abstratos de *onde* representam um exemplo de variação estável, que vem persistindo ao longo dos séculos, é fornecida por PORTELLA (2003). Esta autora focaliza a variedade lingüística falada na Bahia e investiga a correlação entre empregos de *onde* com valor espacial, temporal, nocional e de posse, por um lado, e a variável *faixa etária*, por outro lado. Os resultados mais interessantes, a nosso ver, concernem à faixa etária 2, aquela com índices estatísticos baixos para *onde* em referência a lugar e altos para *onde* nocional, em contraposição à distribuição exibida pelos integrantes das demais faixas etárias, como se pode observar na figura abaixo, construída com base em sua tabela (Tabela 4 – Valores Semânticos do ONDE e Faixa Etária³, PORTELLA, 2003, p. 223).

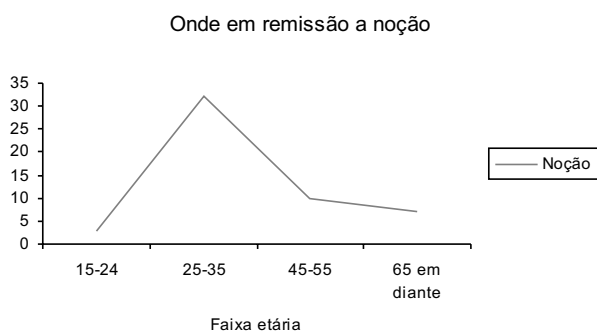


Figura 2 – Distribuição de *onde nocional* segundo faixa etária dos falantes

A distribuição mostrada pelo figura acima é sugestiva de variação estável e referenda, indiretamente, a interpretação que defendemos.

5. Considerações finais

Neste artigo, focalizamos as ocorrências de *onde* nas funções de complemento e adjunto, contrapondo-as às ocorrência de (*prep*) + (*art*) + *palavra QU* com os quais podia ser intercambiado, segundo o viés variacionista.

O exame de outros ambientes sintáticos mostra que *onde* pode aparecer na posição de objeto direto, em alternância com *que*, como em (20a / 20b), a seguir:

(20a) Escrevo para você porque estou ministrando um curso e me comentaram de seu material, **onde** gostaria de conhecer e adotar para sala (correspondência pessoal).

(20b) Escrevo para você porque estou ministrando um curso e me comentaram de seu material, que gostaria de conhecer e adotar para sala.

O último exemplo sugere que *onde* pode estar se difundindo, abrangendo novos contextos de uso. O fato de o mencionado trecho ter ocorrido em correspondência pessoal, vale dizer, registro escrito, faz ressaltar mais uma vez a necessidade de a análise lingüística incorporar informações de natureza pragmática, no caso, modalidade.

Notas

¹ Ficam excluídos os empregos de *onde* enquanto pronome indefinido, que se caracterizam pela ausência de um referente explícito na oração matriz, como pode ser verificado no exemplo seguinte: Onde moro é agradável.

² Meu filho, quando tinha dois, três anos, uns três anos mais ou menos, ele sentava atrás do carrinho de chá, **onde** eu tinha lá minhas cachaças, meus troços lá, meus licores, ele abria e até o dia que se engasgou (Amostra 80, fal. 42, homem).

³ Restringimo-nos aos resultados para os usos de *onde* em remitência a noção (Portela 2003), desconsiderando os resultados estatísticos para as categorias espaço, tempo e posse.

It is a problem of seeing things which are near, unavoidable after 40 years of age, *where* the individual has some problems in seeing close images”. *Onde* in anaphoric reference to non-locative categories

Abstract – In this paper we focus on the usage of the word *onde* (which can be translated into English as *where*) in anaphoric reference to non-locative entities. The study is developed through a contrastive analysis between the usage of *onde* and the deployment of constructions formed by (*prep*) + (*art*) + *QU*^{relative pronoun}, which can be alternatives to each other. The analysis is based on a corpus of both speech and writing samples, and is carried out considering the cognitive category which can be referred to by *onde*, and also the functions of argument or adjunct which can be attributed to the clause introduced by it. We show that the differences between the deployment of *onde* in speech and writing situations are quantitative. Afterwards, we discuss the hypothesis according to which the reference to non-locative categories by the usage of *onde* would be an instance of a grammaticalization process. Finally, we conclude, based both on diachronic descriptions and on sociolinguistic research’s results, that such non-locative reference function of *onde* could already be observed in the most ancient historical records of the Portuguese language, and also that it is, nowadays, an instance of stable variation.

Key words – *Onde*. Anaphoric reference. Speech and writing. Cognitive categories. Argument and adjunct functions. Grammaticalization.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, N.M. de. *Gramática Metódica da Língua Portuguesa*. São Paulo: Saraiva, 1997.

ANDERSON, J.M. *The grammar of case: Towards a localistic theory*. London: Cambridge University Press, 1971.

BOMFIM, E. do R. M.. Variação e mudança no português arcaico: O caso de ‘U’ e ‘Onde’. In: *Revista Palavra*, Rio de Janeiro, n. 1, 1993.

BRAGA, M. L. “E aí se passaram 19 anos”. In: PAIVA, M. DA C. ; DUARTE, M. E. (orgs.). *Mudança lingüística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contracapa/Faperj, 2003, p. 159-74.

BRAGA, M.L.; PAIVA, M. da C. Dêixis locativa e subjetividade. In: DA HORA, D.; COLLISCHONN, G. (orgs.). *Teoria lingüística: Fonologia e outros temas*. João Pessoa: Universitária, 2003, p. 402-14.

CEREJA, W. R.; MAGALHÃES, T. C. *Gramática reflexiva: Texto, semântica e interação*. São Paulo: Atual, 1999.

CIPRO NETO, P.; INFANTE, U. *Gramática da Língua Portuguesa*. São Paulo: Scipione, 1997.

GOMES, C.A. Uso variável do dativo em textos jornalísticos. *Linguística*, Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFRJ, v3, n1, p. 7-19, jun. 2007.

HOPPER, P.J.; TRAUGOTT, E.C. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

LYONS, J. Dêixis as the source of reference. In KEENAN, E. (ed.) *Formal semantics of natural language*. London: Cambridge University Press, 1975, p. 61-83.

MANFILI, K.C. *O processo de gramaticalização das construções onde: uma visão cognitiva*. Monografia (Final de pós-graduação Lato Sensu). Juiz de Fora: UFJF, 2003.

MATTOS e SILVA, R.V. *Estruturas trecentistas: Elementos para uma gramática do português arcaico*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1989.

PEREIRA, M.H. *Reanálise e gramaticalização de conectores temporais: Uma análise em tempo real*. Tese (Doutorado). Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ. Rio de Janeiro, 2005.

PORTELLA, E.H. *A Multifuncionalidade do Onde na Fala de Salvador*. Tese (Doutorado). Programa de pós-graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2003.

ROCHA LIMA, C. H. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. 35. ed. (retocada e enriquecida). Rio de Janeiro: José Olympio, 1999.

Recebido e aprovado para publicação em maio 2007.